

A NECESSIDADE DA POESIA

Resenha de: MATOS GUERRA, Gregório de [et al.]. *Antologia poética*. Belém: Pakatatu, 2014. 68p. ISBN: 978-85-7803-187-9.

Pedro da Silva de Melo*

A despeito de críticas que muitos estudiosos em Educação fazem ao vestibular enquanto meio (de ingresso no ensino superior) e fim (norteador curricular do Ensino Médio), dificilmente um jovem teria contato com os clássicos da língua se não fosse pelas injunções do vestibular. De forma que os exames das grandes universidades públicas propõem a leitura dos clássicos da literatura de língua portuguesa que, para grande parcela dos vestibulandos, servirá de porta de entrada para leituras desse nível, infelizmente negligenciadas na vida escolar.

Pode-se perguntar se, em tempos de *Google*, ainda é necessário editar obras que não possuem direitos autorais e podem ser baixadas em qualquer computador. Muitos dos clássicos exigidos como leitura obrigatória do vestibular estão disponíveis em domínio público, o que implicaria – pelo menos em tese – uma “desnecessidade” do livro impresso. Basta um clique e uma versão em PDF fica arquivada em um celular, *tablet* ou dispositivo similar. Entretanto, a mesma *internet* que proporciona o acesso democrático ao conhecimento cria um paradoxo: o que fazer com tantos dados disponíveis? Como selecionar aquilo que é relevante, estabelecendo um recorte epistemológico? Como não se perder em meio a um cipoal de informações, textos catalogados, discutidos e resenhados *ad infinitum*?

Por mais que o senso comum suponha a supremacia do digital sobre o impresso e tenha a tentação de prever uma hipotética extinção do livro em papel, os livros continuam indispensáveis, em particular as antologias como esta, organizada pelos professores Elielson Figueiredo e Raphael Bessa Ferreira, docentes da Universidade do Estado do Pará. Uma antologia tem o inegável mérito de estabelecer o recorte epistemológico a que aludimos, um foco de estudos, permitindo que o leitor não se

* Doutorando do Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo – USP. E-mail: pedromelo@usp.br

perca em meio a infinitas possibilidades de leitura. A *Antologia poética* (Belém: Pakatatu, 2014, 68 páginas) reúne poemas do Classicismo ao Simbolismo, cobrindo um período de mais três séculos de poesia em língua portuguesa, de Camões a Alphonsus de Guimaraens. Composta de duas partes, mescla o critério cronológico com a separação por gênero. Precedida por uma introdução do Professor Elielson Figueiredo, a primeira parte contempla a Lírica, reunindo 53 poemas, distribuídos por estilos de época, do Barroco ao Romantismo; a segunda parte contempla a Épica, apresentando um episódio de *Os Lusíadas*. Do período barroco, são elencados 6 poemas do brasileiro Gregório de Matos Guerra (1636-1696); do período árcade, 10 poemas, 5 do brasileiro Cláudio Manuel da Costa (1729-1789) e 5 do português Manuel Maria Barbosa du Bocage (1765-1805); do período romântico, com um mais amplo espectro de textos, aparecem 23 poemas de autores brasileiros, sendo 10 de Álvares de Azevedo (1831-1852), 7 de Gonçalves Dias (1823-1864) e 6 de Castro Alves (1847-1871); do período parnasiano, são escolhidos 5 poemas de Raimundo Correia (1859-1911) e do período simbolista, 4 poemas do português Camilo Pessanha (1867-1926) e 5 do brasileiro Alphonsus de Guimaraens (1870-1921). Seguindo o mesmo propósito da primeira parte, a segunda, precedida por uma introdução do Professor Raphael Bessa Ferreira, é constituída pelo episódio *A tempestade*, do Canto VI do poema épico *Os Lusíadas*, marco do Classicismo português, de Luís Vaz de Camões (ca.1524-1580).

A palavra *antologia* é de étimo grego e significa “a ação de colher flores”. Metaforicamente, portanto, trechos literários são flores, enfeitadas em um “buquê” para seus leitores, um *corpus* de exemplaridade do que escreveu um autor específico ou se escreveu em uma determinada época. Nesse sentido, a *Antologia poética* possui o inegável mérito de enfrentar a dificuldade de selecionar textos de um período de mais de 400 anos de poesia em Língua Portuguesa e apresentar um panorama do que escreveram alguns dos nossos maiores poetas. Certos leitores talvez sintam falta de *Se eu morresse amanhã*, de Álvares de Azevedo, *Se se morre de amor*, de Gonçalves Dias, de trechos do *Navio negreiro*, de Castro Alves ou mesmo dos sempre citáveis Olavo Bilac (1865-1918) e Augusto dos Anjos (1884-1914). No entanto, qualquer escolha sempre será arbitrária e não agradará a todos os leitores: a inclusão de um autor ou poema significa automaticamente a exclusão de outro(s). Não é possível incluir tudo, caso contrário não seria uma antologia, mas “poesia reunida”, o que resultaria em um volume alentado ou

mesmo mais de um volume, perdendo o aspecto de seleção e de divulgação para o grande público.

Nota-se na escolha dos organizadores desse trabalho a intenção de fugir do lugar-comum: em vez dos poemas mais conhecidos e repetidos *ad nauseam* desde o século XIX, os professores Figueiredo e Bessa Ferreira deram voz a poemas menos conhecidos – mas não por isso menos significativos – dos autores e períodos que fazem parte do repertório cultural que todos os concluintes de Ensino Médio e aspirantes à universidade devem conhecer.

De Gregório de Matos, o maior nome do Barroco brasileiro, constam seis sonetos representativos das facetas do nosso *Boca do inferno*: dois sonetos satíricos, dois lírico-amorosos e dois de temática religiosa. Nos dois primeiros, o poeta satiriza os costumes dos seus contemporâneos e um governante de seu tempo. A escolha dos dois sonetos mostra que, apesar da distância temporal (ambos escritos no século XVII), o universalismo de suas temáticas lhes dá um tom de permanente atualidade: as vicissitudes cantadas pelo poeta não mudaram tanto do século XVII para cá. Os dois sonetos de temática lírico-amorosa mostram um eu-lírico atormentado pela irrealização do sentimento amoroso e são exemplários típicos de poesia gongórica. Os dois sonetos de temática religiosa exemplificam uma das mais notáveis características da estética barroca: o homem atormentado, dividido entre a carne e o espírito. Dois dos poemas mais conhecidos do autor, em ambos o enunciador se dirige à figura de Cristo, assumindo a posição de pecador contrito, que cedeu aos impulsos do pecado, mas que se arrepende dos seus vícios. Parte do léxico operado pelo autor revela essa gama de sensações: “misericórdia”, “luz”, “Jesus”, “arrependido”, “salvação”, “ovelha desgarrada”, “ovelha perdida”, “glória”, “pastor divino”.

Do período arcade, os cinco sonetos de Cláudio Manuel da Costa e os cinco de Bocage exemplificam não apenas a temática do período – predominante ligada ao universo campestre ou pastoril – como também porque o Arcadismo é também chamado de Neoclassicismo: a opção pelo soneto, forma clássica de composição, estruturado em duas estrofes de 4 versos e duas de 3, com rimas AB nos quartetos e CD ou CDE nos tercetos. De Bocage, salta aos olhos a boa opção por sonetos menos evidentes. O organizador não cede à tentação da escolha óbvia pelos sonetos “Meu ser evaporei na lida insana” e “Já Bocage não sou!... À cova escura”, presentes em qualquer livro didático de Ensino Médio. Os dois primeiros sonetos de Bocage, “Já se afastou de nós o

Inverno agreste” e “Olha, Marília, as flautas dos pastores”, são típicos do *fugere urbem* (fugir da cidade) e do *locus amoenus* (lugar ameno) da poesia árcade, que preconizava uma fuga do ambiente citadino para o campo, visto idilicamente como um refúgio. Os três sonetos seguintes fazem parte do que a crítica convencionou denominar de um Bocage “pré-romântico”, isto é, uma lírica que se afasta gradualmente da *aurea mediocritas* do Neoclassicismo e se volta para a própria subjetividade, cantando seus sentimentos amorosos e a aproximação da morte.

Do período Romântico, a antologia dá exclusividade à poesia brasileira, com destaque para Álvares de Azevedo (com dez poemas), sem descurar de Gonçalves Dias (sete) e Castro Alves (seis), cada um o autor mais representativo das gerações românticas: Gonçalves Dias, da Geração Indianista; Álvares de Azevedo, da Geração *Mal du siècle*; e Castro Alves, da Geração Condoreira. De Álvares de Azevedo, optou-se, por exemplo, pelos oníricos “Sonhando” e “Fantasia” e pelo filosófico “Panteísmo”. O leitor há de agradar-se com a leitura do fragmento de “Ideias íntimas” e com o intenso “At...”. Ressalte-se que alguns dos poemas são escritos em decassílabos brancos, isto é, com versos de dez sílabas sem rimas (“At...”).

De Gonçalves Dias a seleção começa com “O canto do Piaga”, um canto em versos eneassílabos (9 sílabas poéticas) com rimas ABCB, e “Leito de folhas verdes”, também de temática indígena. São seguidos pelo conhecido “Marabá”, poema narrativo que conta a infelicidade de uma mestiça, filha da miscigenação entre uma índia e um português. Nesse poema destaca-se o seu ritmo marcial, próprio para a leitura em voz alta, proporcionado pela métrica que alterna redondilhas menores (versos de cinco sílabas), com ictos na 2^{a.} e na 5^{a.} sílaba, e hendecassílabos (versos de onze sílabas), com ictos na 2^{a.}, 5^{a.}, 8^{a.} e 11^{a.} sílaba. Ressalte-se que a redondilha menor e o hendecassílabo constituem uma espécie de marca registrada da poesia de Gonçalves Dias e são metros pouco frequentes em nossa Literatura, apesar de seu apelo sonoro. O hendecassílabo é o metro, por exemplo, da parte I de “O gigante de pedra”. Dentre os poemas de Gonçalves Dias, ressaltamos a preciosa escolha da “Introdução à loa da princesa santa”, poema de abertura das *Sextilhas de Frei Antão*, obra de caráter medievalizante escrita em Português arcaico. A “Loa da princesa santa” narra a história da infanta Joana (1453-1490), filha do rei português D. Afonso V, focalizando o pedido da princesa ao pai para abraçar a vida religiosa e a sua entrada no Mosteiro de Aveiro. Para escrever essa obra, o poeta valeu-se das informações contidas na obra *História de São Domingos*, do

escritor português Frei Luís de Sousa. Trata-se de um poema menos conhecido de sua obra, o que por si só é uma ótima escolha que propicia um novo olhar para a poesia romântica brasileira.

A seleção do período romântico termina com Castro Alves. Do poeta baiano, a seleção contempla dois poemas líricos menos conhecidos “Onde estás?” e “Murmúrios da tarde”. De sua poesia condoreira, destacam-se os vigorosos e de temática abolicionista “O século”, “Vozes d’África” (fragmentos), “Saudação a Palmares” e “Jesuítas e frades”. Em “Jesuítas e frades” há um acentuado tom anticlerical, de acerbadada crítica ao catolicismo, um traço marcante da literatura da segunda metade do século XIX.

Do Parnasianismo, optou-se por um único poeta, Raimundo Correia, e uma seleção de 4 sonetos e o poema “A ilha e o mar”. Dos sonetos, o mais conhecido é o filosófico “Mal secreto”, cuja chave de ouro é um verdadeiro cartão de visitas do poeta: “Quanta gente que ri, talvez existe / Cuja ventura única consiste / Em parecer aos outros venturosa!” Destacam-se os sonetos pictóricos “A cavalgada”, “Plena nudez” e “Anoitecer”, os três de alta densidade descritiva.

Embora o Parnasianismo tenha sido um movimento que preconizasse a perfeição formal, o *Simbolismo* também buscou o mesmo ideal, o que se evidencia pelas escolhas lexicais dos autores simbolistas escolhidos, Camilo Pessanha e Alphonsus de Guimarães. Em seus poemas prevalece uma atmosfera onírica, soturna, típica da poesia da época. Nota-se o uso de palavras raras, como “liliáceas”, “lumaréu”, “flébil” em Camilo Pessanha, bem como a hábil exploração da rima e da aliteração, tanto em Pessanha, quanto em Alphonsus.

A *Antologia* termina com um estudo introdutório seguido pelo episódio de “A tempestade”, do Canto VI, do poema épico *Os Lusíadas*, a *Magnum opus* de Camões. O Professor Raphael Bessa Ferreira faz um estudo da epopeia camoniana e apresenta o contexto do episódio em questão, a partir do verso 70 até o final do canto. O episódio se dá após o episódio dos Doze da Inglaterra e antes da chegada à cidade indiana de Calecute. Narra uma tempestade provocada pelos deuses, a prece de Vasco da Gama e a intervenção da deusa do Amor (Vênus) em favor dos portugueses, que manda as ninfas acalmarem as águas. Conforme salienta Bessa Ferreira, é digno de nota nesse episódio o farto emprego de um vocabulário ligado ao universo das navegações, como “apito”, “traquetes”, “gáveas”, “vela”, “nau”, “bordo”, “batel”, “masto” (= mastro). Assim como

na seleção da lírica, a escolha de um episódio menos conhecido e de rara presença em exames vestibulares evidencia um organizador que pretende fugir do comum, do fácil, que está disposto a sair de sua própria zona de conforto intelectual e, ao mesmo, ampliar os horizontes de leituras do público-leitor. Ao contrário do previsível, que seria o episódio de “Inês de Castro” ou do “Velho do Restelo”, optou-se por um episódio que foge do esquema linha de produção dos cursinhos pré-vestibulares, useiros e vezeiros de resumos e fórmulas que reduzem o texto literário a um punhado de temas e características.

O inegável mérito da *Antologia poética* é proporcionar a alunos de Ensino Médio e outros leitores interessados na Literatura de Língua Portuguesa outra visada sobre textos e estilos de época: propositalmente a Universidade do Estado do Pará, em parceria com a Editora Paka-Tatu, escolhe textos diversos daqueles presentes em antologias e livros didáticos, com a evidente intenção de levar candidatos ao vestibular a conhecer novas obras e lê-las na íntegra. Mas, acima de tudo, a *Antologia poética* ajudará seus leitores a deslumbrar-se com a linguagem e a desvendar a beleza da poética daquela que Olavo Bilac chamou de “última flor do Lácio, inculta e bela”.

Recebido em: 15.10.2014

Aceito para publicação em: 22.12.2014